

A Senhora do Maranhão: Ana Jansen em São Luís do século XIX

Elizabeth Sousa Abrantes¹
Universidade Estadual do Maranhão
bethabrantess@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo analisa a trajetória histórica e a construção da memória social de Ana Joaquina de Castro Jansen Albuquerque na sociedade de São Luís do século XIX. O texto examina sua ascensão social, de mãe solteira a poderosa matriarca e líder política, em um contexto marcado pelo patriarcalismo e escravagismo. Discute-se a dualidade entre a figura histórica — que administrou vasto patrimônio e exerceu influência pública — e a personagem lendária, estigmatizada no imaginário popular através da lenda da carruagem amaldiçoada. A narrativa evidencia como as transgressões de gênero e o poder de Ana Jansen resultaram em uma memória controversa, oscilando entre o reconhecimento de sua força e a sanção moral de seus comportamentos.

Palavras-chave: Ana Jansen; São Luís do século XIX; Gênero e poder; Memória social; Elites brasileiras; Patriarcado.

The Lady of Maranhão: Ana Jansen in 19th-Century São Luís

Abstract: This article analyzes the historical trajectory and the construction of the social memory of Ana Joaquina de Castro Jansen Albuquerque in 19th-century São Luís. The text examines her social ascent from a single mother to a powerful matriarch and political leader within a context marked by patriarchy and slavery. It discusses the duality between the historical figure—who managed a vast patrimony and exercised public influence—and the legendary character, stigmatized in the popular imagination through the legend of the cursed carriage. The narrative highlights how Ana Jansen's gender transgressions and power resulted in a controversial memory, oscillating between the recognition of her authority and the moral sanction of her behavior.

Keywords: Ana Jansen; 19th-Century São Luís; Gender roles; Social memory; Brazilian elites; Patriarchal society.

A cidade de São Luís, capital da Província do Maranhão, fica localizada em uma ilha ao norte do Brasil. No século XIX ficou conhecida como a Atenas Brasileira, pelo destaque de gerações de intelectuais ligados a literatura e ao jornalismo. Nesta cidade também nasceu e viveu Ana Jansen, a mulher mais poderosa do Maranhão dessa época. A administração do seu rico patrimônio obtido por meio de um casamento, o comportamento nada convencional para os padrões morais do seu tempo, a

¹Doutora em História Social e Professora Associada do Departamento de História, da Universidade Estadual do Maranhão. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM), ocupante da cadeira nº 24. <http://lattes.cnpq.br/7559467621216584>. Orcid : <https://orcid.org/0000-0002-4087-0057>

ingerência em assuntos políticos e sua forte personalidade para assumir o protagonismo de sua vida pública e privada renderam-lhe uma memória controversa no imaginário maranhense. A trajetória de vida dessa personagem histórica é bastante reveladora para o conhecimento de diversos aspectos da sociedade maranhense do seu tempo, especialmente os papéis sociais destinados às mulheres, os costumes e as práticas sociais que desafiavam as normas instituídas.

Ana Joaquina de Castro Jansen Albuquerque era seu nome de batismo. A “Rainha do Maranhão”, era como os contemporâneos a chamavam, inicialmente como uma forma de provocação por parte dos seus adversários, mas com o tempo acabou se tornando uma deferência para o “reinado” dessa matriarca dos Jansen que estendeu seu poder e autoridade para além dos círculos familiares, tornando-se uma figura lendária na fidalga e escravocrata sociedade maranhense. Até hoje o nome de Ana Jansen é o mais conhecido no Maranhão e, certamente, era um dos mais comentados na sociedade maranhense do seu tempo, seja entre as famílias de elite ou nas camadas populares. Sua fama crescia pari passu com sua ascensão social e fortuna, associado a um comportamento não esperado para uma mulher de sua classe social.

Após a sua morte surgiu a lenda da carruagem de Ana Jansen, que associa a sua imagem à de uma mulher perversa e amaldiçoada. Diz a lenda que uma carruagem, puxada por cavalos decapitados e tendo um cocheiro escravo igualmente sem cabeça, com o corpo ensanguentado pelas sevícias, emitindo sons horripilantes, percorre as ruas de São Luís, às sextas-feiras à noite. A carruagem sai do antigo cemitério dos Passos, com a alma penada de dona Ana Jansen dentro do coche, carregando uma vela acesa que, se for recebida por algum notívago, amanhece transformada em osso de defunto. Esse seria o suplício de Ana Jansen, uma pena que o inconsciente coletivo aplicou a memória dessa matriarca. No século XIX, os moradores de São Luís tinham medo dessas histórias de assombração, e temiam se deparar com a carruagem de Donana no meio da noite. Por via das dúvidas, era melhor evitar os passeios noturnos ou espiar pelas janelas ao ouvir o barulho do tropel dos cavalos que puxavam a carruagem.

Ana Jansen viveu toda a sua vida na cidade de São Luís. Seu nascimento data de 1798 e sua fase de infância é desconhecida. Os primeiros registros de sua vida social ocorrem quando é uma jovem órfã, que vive com sua mãe em uma casinha simples, com o sustento obtido da atividade da costura. Nesse período era uma jovem mãe solteira, com a idade de aproximadamente 18 anos, e que mantinha um relacionamento como amante de um rico comerciante português da cidade, o coronel Isidoro Rodrigues Pereira, com o qual teve seis filhos. Mas, o seu status mudou com o casamento, que ocorreu logo após a viuvez do coronel Isidoro Pereira, e nessa nova condição de senhora pode legitimar os filhos que tivera ainda como solteira e amásia.

Nas duas primeiras décadas do século XIX, ainda como uma cidade colonial, São Luís vivia o crescimento urbano proporcionado pela boa fase da economia algodoeira, o incremento da mão de obra escrava com o tráfico que introduzia milhares de africanos a cada ano, o que proporcionou investimentos na cidade para tornar mais aprazível a vivência dos seus ricos moradores, um grupo pequeno que dominava as atividades da lavoura e do comércio. Os ricos casarões coloniais foram erguidos para abrigar essa classe opulenta de reinóis e seus descendentes que se esmeravam na ostentação dos símbolos de distinção social. Para a diversão e exibição dessa elite foi erguido em 1817 o teatro União, mais tarde renomeado como teatro São Luís.

Para os mais pobres a vida era dura, sem os confortos e os privilégios advindos da cor e do status social. Nas ruas de São Luís aumentava cada vez mais o vai e vem dos escravizados em sua labuta diária e dos livres pobres em seus ofícios e serviços para atender as famílias abastadas. No coração da cidade, na Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, pulsava a Praia Grande, o espaço do comércio impulsionado pelo porto. Nesse ambiente de trabalho, a presença de mulheres livres pobres era vista com reprovação, uma vez que a condição de liberdade as colocava sob os rígidos critérios morais e religiosos estabelecidos para a conduta feminina. Sendo assim, para as mulheres pobres e sem o amparo familiar, especialmente da figura masculina, restavam poucas opções para sobreviver segundo os padrões de honra estabelecidos pela moral vigente, havendo instituições como a Santa Casa de Misericórdia que tentavam favorecer o arranjo matrimonial para as chamadas moças desvalidas por meio da concessão de dotes de casamento. Para aquelas mulheres que se tornavam mães solteiras havia o estigma da desonra, tornando muito difícil o casamento à facie ecclesiae, conforme o princípio religioso. Com isso, muitas jovens nessa condição buscavam o amparo por meio do concubinato, geralmente com um homem mais velho e de condição social mais elevada.

Ana Jansen era uma mulher branca, de ascendência portuguesa, com uma genealogia que ligava a um antepassado do século XVIII que era fidalgo, agraciado com o brasão de Armas. Mas sua família já estava empobrecida na época do seu nascimento, não possuindo propriedades ou cargos públicos que elevassem seu status social. Em uma sociedade de classe rigidamente hierarquizada, em que a posição dos indivíduos dependia da sua condição jurídica, cor e posses, e em que as mulheres livres eram cidadãs de segunda categoria, Ana Jansen fez-se senhora por meio de um casamento vantajoso, com o maior ricaço da terra. Com o cabedal alcançado pelo matrimônio adentrou na alta sociedade maranhense, tornando-se a mulher mais rica do Maranhão de sua época, dona de muitas propriedades em imóveis, terras e escravos.

Sua fama era de ser geniosa, autoritária, de “energia máscula e vontade imperiosa”, como a descreve seu primeiro biógrafo, o historiador Jerônimo de Viveiros (1965), em alusão a uma característica de força só permitida como natural nos homens. Sendo assim, uma mulher com essas

qualidades ditas “viris” não era vista com bons olhos pelos padrões de uma sociedade patriarcal, especialmente quando sua posição social exigia um comportamento modelo como filha, esposa e mãe, os únicos papéis sociais destinados às mulheres de seu tempo.

O reinado das mulheres deveria ser no lar, de acordo com os princípios sociais burgueses da era vitoriana, assim como, no campo da sexualidade, a moral puritana exigia das mulheres um “preâmbulo casto” e uma “viuvez eterna”. Ana Jansen viveu nessa sociedade misógina e patriarcal, mas não se limitou a seguir passivamente as normas que reservavam às mulheres somente o espaço privado e as funções de esposa e mãe, destacando-se em espaços que eram reservados aos ricos e poderosos homens brancos.

Ana Jansen ficou viúva em 1825, aos 27 anos. Era uma idade considerada precoce para uma mulher ficar viúva, e ainda mais com sete filhos para criar e educar. Ela ainda atraía o interesse dos homens, e não faltaria pretendentes, como se percebe por seu novo relacionamento amoroso, com o Desembargador Francisco Carneiro Pinto Vieira de Melo, que era casado, e com quem teve quatro filhos. A riqueza da jovem viúva também era um grande atrativo para aqueles que estavam em busca de fortuna, sendo Donana o próprio dote a ser cobiçado. Com isso não estamos desconsiderando seus “dotes pessoais”, como atrativo nesse mercado matrimonial, a ponto da mulher Ana Jansen, com seus desejos e vontades, arriscar mais uma vez sua reputação em busca de seus amores.

O condicionamento social da mulher era ainda flagrante em São Luís do século XIX, com uma moralidade que obrigava uma conduta ilibada e fiel das mulheres, enquanto tacitamente permitia o livre desenvolvimento da sexualidade dos homens solteiros, e até mesmo dos casados, em relacionamentos extraconjugais, incluindo o abuso sexual das mulheres escravizadas. As oportunidades educacionais, uma carreira profissional obtida por meio de um diploma superior, os direitos políticos e o livre trânsito pelos espaços da cidade também eram prerrogativas masculinas, especialmente dos cidadãos ativos.

Ana Jansen foi uma mulher singular que viveu intensamente seus amores, conduziu os negócios de sua família, enfrentou inimigos poderosos, soube se impor como líder de um grupo (partido) político, com uma influência que se estendia aos governantes da província, costurando acordos nos bastidores. Sua residência era o centro de onde partiam grandes decisões e articulações que afetavam muitas das vezes a vida da sociedade local. Mas, por outro lado, em alguns aspectos sua atuação se dava nos limites impostos às mulheres de elite na sociedade patriarcal do século XIX, a exemplo da maneira como equacionou o exercício de sua sexualidade, contrariando os ditames morais vigentes e, ao mesmo tempo, tentando esconder os frutos de seus relacionamentos ilícitos.

Após se tornar a matriarca de uma grande família, com onze filhos, ser proprietária de vários negócios, que iam desde a venda de água, aluguéis de casas, fazendas de gado e fazendas de algodão

e arroz, com um grande plantel de escravos, Ana Jansen tentou o baronato, em 1842, mas sem sucesso. O título de Baronesa de Santo Antônio, como almejou, seria a sua consagração perante a “fina flor” da sociedade maranhense, que a tolerava pelo seu rico cabedal, mas desprezava sua origem humilde e seu comportamento tanto na esfera da intimidade como na vida pública. Assim, esse título nobiliárquico poderia dar-lhe mais status e poder perante a sociedade, colocando-a em um patamar de mais igualdade em relação aos poderosos da terra.

Ana Jansen morreu aos 71 anos de idade, em 11 de abril de 1869. Sua memória tem inspirado lendas e despertado o interesse dos estudiosos. Desde a sua morte seu nome vem sendo lembrado, a ponto de ser a figura histórica mais conhecida pelas paragens maranhenses. Sua história representa esse duplo desafio de subverter e extrapolar, em alguns aspectos, as normas estabelecidas para o comportamento feminino da sociedade maranhense da época e, ao mesmo tempo, inserir-se nos limites dos papéis sociais impostos especialmente para as mulheres das classes dominantes.

Referências

- ABRANTES, Elizabeth Sousa; SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos. *A Senhora do Maranhão: uma biografia de Ana Jansen*. São Luís: Editora UEMA, 2023.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. Três mulheres da elite maranhense. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 16, n. 31 e 32, p. 224-248, 1996.
- VIVEIROS, Jerônimo José de. *A Rainha do Maranhão*. São Luís: Departamento de Cultura do Estado do Maranhão, 1965.